

### 3 INFLAÇÃO

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) apresentou uma inflação média de 0,42% ao mês no trimestre agosto a outubro, o que representa uma pequena aceleração na comparação com o trimestre imediatamente anterior, quando a taxa média foi de 0,24% a.m. Apesar dessa elevação, boa parte do aumento deveu-se a um grupo restrito de itens que impactaram o IPCA de forma mais intensa em setembro e outubro. Assim, por exemplo, o índice de difusão, que mede a proporção dos produtos com variação positiva no índice fechado, passou, na média, de 0,60 no trimestre maio-julho para 0,53 na média do período agosto-outubro (Gráfico 3.1). A perspectiva é de redução já em novembro, apesar das pressões ainda advindas dos administrados e alimentos, e nova queda em dezembro, de modo que, no acumulado do ano, embora não acertando o centro da meta, o IPCA mostre forte desaceleração na comparação com o resultado de 2004 (7,6%). A melhora no comportamento da inflação em 2005 se propagará em 2006 via diminuição das expectativas inflacionárias e arrefecimento de preços administrados, dada a expressiva redução dos IGPs (Gráfico 3.2). A manutenção do preço do petróleo em níveis próximos dos praticados atualmente e a permanência da taxa de câmbio apreciada fecham esse conjunto de fatores que garantiriam a consolidação dessa trajetória de inflação declinante.

Na análise do IPCA ao longo do ano, verifica-se que a queda de preços dos alimentos, aliada à valorização do câmbio no período recente, fez com que a taxa de variação dos preços livres acumulada em 12 meses regredisse de 6,4% em janeiro para 4,6% em outubro. Esse recuo só não foi maior devido ao comportamento dos serviços, cujos preços no acumulado em 12 meses apresentaram movimento oposto, acelerando de 6,50% para 7,14% no mesmo

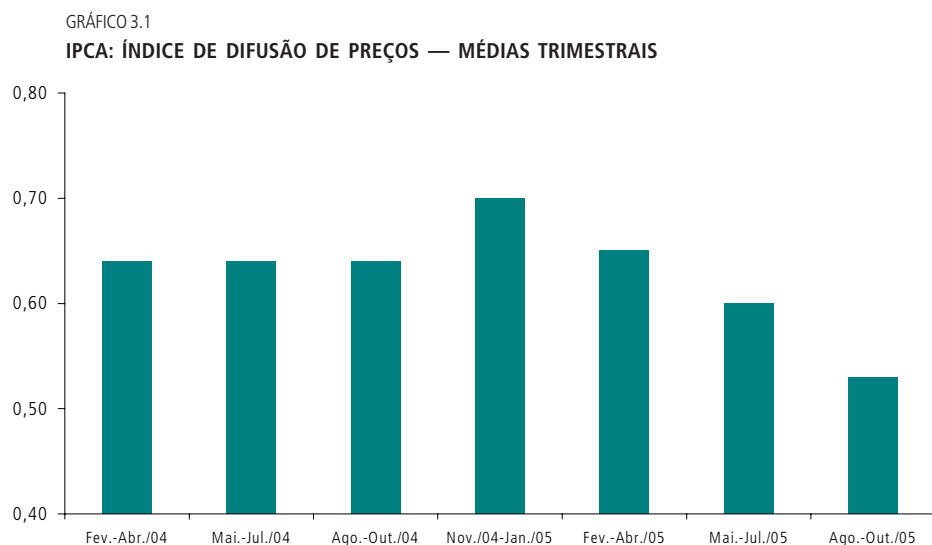
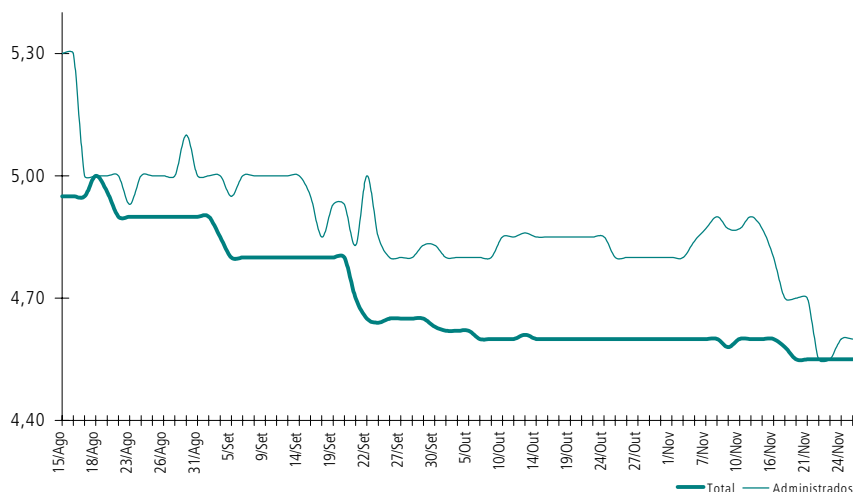


GRÁFICO 3.2  
**IPCA: MEDIANA DAS EXPECTATIVAS DE INFLAÇÃO PARA 2006**



período. No IPCA acumulado em 12 meses até outubro, verifica-se que serviços e preços monitorados foram os principais focos de pressão sobre o índice (Gráfico 3.3).

Em novembro, a inflação medida pelo IPCA-15 foi de 0,78%, influenciada, principalmente, pelo comportamento de dois grupos importantes na composição do índice: alimentos e transportes. O efeito tardio do reajuste dos combustíveis em algumas capitais, e o aumento das tarifas de ônibus urbano e avião, foram os principais responsáveis pela aceleração do grupo transportes, cuja taxa de 1,31% contribuiu com 0,29 p.p. para o resultado final do índice (Tabela 3.1). A alta nesses itens também explica a manutenção dos preços administrados em patamar elevado, gerando, no IPCA-15, uma variação acumulada no ano de 8,55%. A mesma trajetória ascendente foi verificada nos preços livres, em especial no subgrupo de produtos comercializáveis que, após apresentar deflação nos quatro meses anteriores, aumentou 0,70% em novembro (Tabela 3.2). Na decomposição desse subgrupo de produtos, verifica-se que apenas os itens carnes bovinas (0,40 p.p.) explica 57% da variação total apresentada.

GRÁFICO 3.3  
**IPCA: CONTRIBUIÇÃO DAS CATEGORIAS NO ACUMULADO EM 12 MESES**

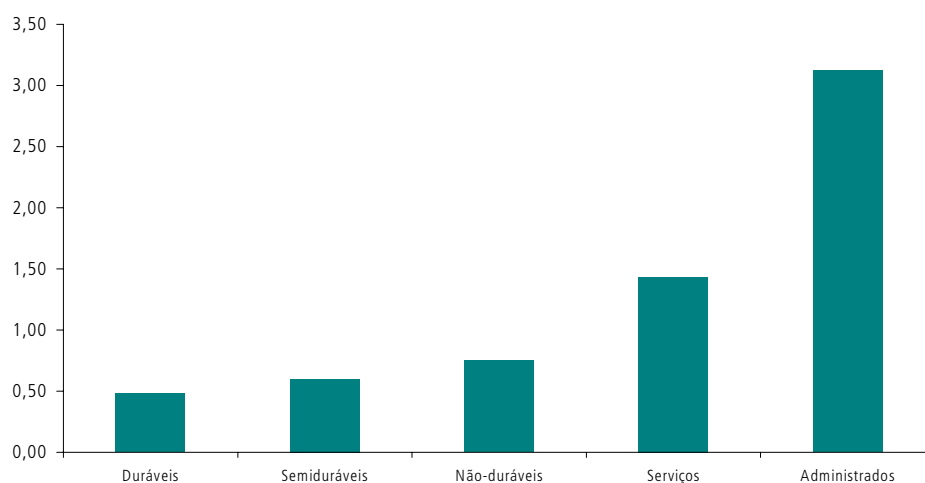


TABELA 3.1  
**ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR**  
 [variação mensal (%)]

	Variação				Impacto em p.p.
	Set./2005 IPCA	Out./2005 IPCA-15	Out./2005 IPCA	Nov./2005 IPCA-15	Nov./2005 IPCA-15
Índice geral	0,35	0,56	0,75	0,78	0,78
1. Alimentação e bebidas	-0,25	-0,15	0,27	0,99	0,21
2. Habitação	0,61	0,38	0,45	0,59	0,10
3. Artigos de residência	-0,26	-0,56	-0,37	-0,06	0,00
4. Vestuário	0,19	0,24	0,72	1,15	0,06
5. Transportes	0,86	2,07	2,21	1,31	0,29
6. Saúde e cuidados pessoais	0,45	0,40	0,45	0,47	0,05
7. Despesas pessoais	0,73	0,58	0,74	0,76	0,07
8. Educação	0,09	-0,09	-0,14	-0,02	0,00
9. Comunicação	0,00	0,01	0,00	-0,02	0,00

Fonte: IBGE. Elaboração: Ipea.

TABELA 3.2  
**ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLO**  
 [média mensal (%)]

	Ago./2005	Set./2005	Out./2005		Nov./2005
	IPCA	IPCA	IPCA-15	IPCA	IPCA-15
IPCA cheio	0,17	0,35	0,56	0,75	0,78
Administrados	0,69	0,92	1,56	1,62	1,31
Livres	-0,05	0,11	0,13	0,38	0,55
Comerciável	-0,18	-0,02	-0,04	0,43	0,70
Não-comerciável	0,11	0,27	0,33	0,32	0,35

Fonte: IBGE. Elaboração: Ipea.

Esse recente aumento no preço da arroba do boi é reflexo de um processo de ajuste pelo qual o setor está passando, conforme discutido na seção Política Agrícola, do Boletim passado. O crescimento da demanda externa e os baixos preços pagos aos pecuaristas nos últimos anos levaram a um aumento do número de animais abatidos. Como consequência, inicia-se agora um ciclo de recuperação dos rebanhos que deve desencadear uma baixa oferta de carnes no mercado, mantendo os preços em patamares acima dos verificados ultimamente.

Por outro ângulo, a elevação no preço das carnes e de outros itens *in natura*, como tubérculos e legumes, contribuiu para a aceleração do grupo alimentação e bebidas que, ao longo do período recente, vinha sendo um dos principais determinantes da queda da inflação. De fato, no acumulado do ano, de acordo com o IPCA-15, os alimentos apresentam alta de apenas 1,7%, refletindo a queda de produtos importantes da cesta básica, como cereais, grãos e leite.

A aceleração da inflação no trimestre setembro-novembro, medida pelo IPCA-15, não foi verificada nas medidas de núcleo, cujo resultado na média do último trimestre foi inferior

ao observado no trimestre imediatamente anterior (Tabela 3.3). O núcleo por exclusão foi o responsável por esta desaceleração dada a sua metodologia, que excluiu os produtos com maior influência negativa no índice fechado (monitorados e alimentos). O núcleo Ipea para o subconjunto de preços livres também recuou na comparação setembro-novembro contra junho-agosto, registrando variação média de 0,26% a.m., o que significa uma inflação anualizada próxima a 3%.

O Índice de Preços ao Consumidor da Fipe seguiu a mesma tendência do IPCA e, após apresentar deflação em agosto, acelerou em setembro e outubro. No caso da Fipe, além de transporte e alimentação, o grupo habitação também exerceu pressão sobre o índice, dado o reajuste das tarifas de água e esgoto. Na média, os núcleos refletiram parcialmente essa alta do índice fechado e subiram, em outubro, para patamar próximo a 0,5% (Tabela 3.4). As primeiras prévias para a inflação em novembro, entretanto, já mostram certo arrefecimento. Nas três primeiras quadrissemanas de novembro, a taxa de variação do IPC-Fipe recuou para 0,59%, 0,53% e 0,44%, respectivamente, por conta basicamente da queda no ritmo de crescimento dos transportes que, depois de registrarem alta de 1,23% no índice fechado de outubro, recuaram para 0,83%, 0,59% e 0,49% nas semanas seguintes.

TABELA 3.3  
**IPCA-15: INDICADORES DE NÚCLEO DE INFLAÇÃO**  
[variação média no trimestre (%)]

	Mar./2005 a Maio/2005	Jun./2005 a Ago./2005	Set./2005 a Nov./2005
Índice geral	0,64	0,17	0,50
Núcleo Ipea	0,67	0,29	0,30
Médias aparadas <sup>a</sup>	0,70	0,49	0,50
Por exclusão	0,55	0,38	0,29
Média dos núcleos <sup>b</sup>	0,64	0,39	0,36
Núcleo preços livres	0,65	0,28	0,26

Fontes: IBGE e Ipea. Elaboração: Ipea/GAC.

<sup>a</sup> Com suavização.

<sup>b</sup> Média aritmética do núcleo Ipea, média aparada e exclusão.

TABELA 3.4  
**FIPE: ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR**  
[variação mensal]

	Índice cheio					Indicadores de núcleo			
	Fipe	Preço livres			Preços administrados	Por exclusão	Médias aparadas <sup>a</sup>	Núcleo do Ipea	Média núcleos <sup>b</sup>
		Total	Comercial	Não-comercial					
Jul./05	0,30	0,26	0,04	0,48	0,44	0,70	0,47	0,22	0,46
Ago./05	-0,20	-0,38	-0,53	-0,23	0,42	-0,01	0,11	0,02	0,04
Set./05	0,44	0,27	0,46	0,04	1,04	0,45	0,43	0,40	0,43
Out./05	0,63	0,41	0,61	0,18	1,38	0,37	0,53	0,57	0,49

Fontes: Fipe e Ipea.

<sup>a</sup> Com suavização.

<sup>b</sup> Média aritmética do núcleo do IPC apurado pelo Ipea, por média aparada e por exclusão.

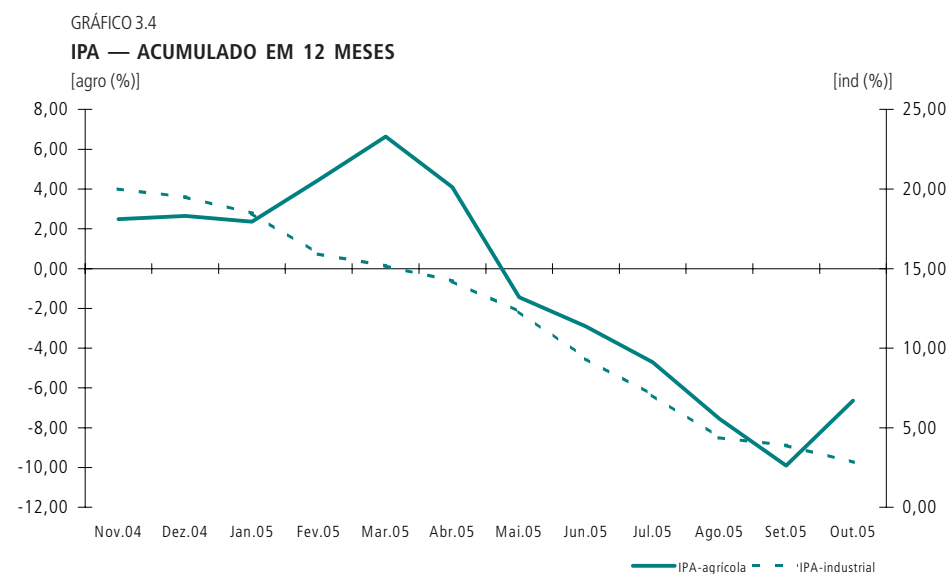
O recuo nos índices de preços no varejo em novembro, por conta do fim do impacto causado pelos reajustes de preços de combustíveis, teve seu movimento atenuado, dado o comportamento altista dos alimentos *in natura*, citado anteriormente. Na análise do Índice de Preços ao Consumidor Semanal (IPC-S), verifica-se que este voltou a acelerar na última semana, pressionado pelo grupo alimentação que registrou aumento na sua taxa de variação pela quarta semana consecutiva (Tabela 3.5). Apesar do aumento das tarifas de energia elétrica na cidade do Rio de Janeiro, o grupo habitação repetiu o mesmo resultado da semana anterior beneficiado pela melhora no desempenho dos bens de consumo duráveis, em particular pela deflação de móveis e eletrodomésticos. O grupo transportes, por sua vez, continuou sua trajetória de queda, desacelerando novamente para 0,56%.

Os preços no atacado, assim como no varejo, também refletiram os aumentos dos combustíveis e alimentos. Após apresentar sucessivas deflações desde maio, o Índice de Preços por Atacado (IPA) voltou a registrar variações positivas em outubro. Apesar disso, no acumulado em 12 meses o IPA-DI acumulava, até outubro, alta de apenas 0,4%, contra variação de 14% observada em janeiro. Esse forte recuo da inflação nos preços por atacado esteve ligado tanto ao comportamento dos preços industriais, quanto às expressivas deflações dos preços agrícolas. Após fechar 2004 com uma taxa acumulada de quase 20% devido à alta das *commodities* metálicas, os preços industriais, com peso de 75% no IPA, tiveram inflação declinante ao longo do ano, principalmente pelo efeito da apreciação do câmbio, de forma a atingir, em outubro, uma variação acumulada em 12 meses inferior a 3% (Gráfico 3.4).

TABELA 3.5  
**ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR SEMANAL (IPC-S)**  
 [variação mensal]

Classe de despesa	2005				
	22/out.	31/out.	07/nov.	15/nov.	22/nov.
IPC-S	0,48	0,42	0,50	0,49	0,55
Alimentação	-0,11	0,14	0,73	0,91	1,21
Habitação	0,44	0,25	0,16	0,23	0,23
Transportes	2,22	1,88	1,23	0,72	0,56

Fonte: FGV. Elaboração: Ipea/Dimac.



Essa queda ainda foi suavizada pela alta dos combustíveis, que inflou as taxas de setembro e outubro e impediu a continuidade do processo de deflação que vinha sendo observado. No caso dos produtos agrícolas, a queda nos preços se deu de forma mais intensa, e fez com que nos últimos 12 meses esse grupo apresentasse variação negativa de -7%.

Os dados relativos ao IGP-10 de novembro, entretanto, já mostram nova desaceleração dos preços industriais no atacado, pois a variação de 0,16% ficou bem abaixo da registrada no mês anterior (1,42%). Esse recuo dos preços industriais mais do que compensou a alta dos preços agrícolas (0,88% em novembro contra -2,08% em outubro), e fez com que o IPA desacelerasse para 0,33%, ou seja, 0,24 p.p. abaixo da taxa do mês anterior (Tabela 3.6).

Com peso de 60% na composição do Índice Geral de Preços, o comportamento do IPA praticamente explica a trajetória dos IGPs ao longo do ano. Após registrarem variações em torno de 8% em 2003 e 12% em 2004, os IGPs devem fechar o ano com uma taxa acumulada próxima a 3%. Como consequência direta dessa forte desaceleração, os preços administrados, que até então vinham sendo considerados os vilões da inflação, reduzirão a pressão sobre o IPCA em 2006, ajudando, dessa forma, o controle do processo inflacionário no próximo ano. De acordo com o Relatório de Mercado divulgado pelo Banco Central (Bacen) em 25 de novembro, enquanto a mediana das expectativas para preços administrados em 2005 subiu nas últimas quatro semanas — passando de 7,6% para 8,1% — para 2006 as expectativas foram reduzidas de 4,8% para 4,6%. A contribuição dos IGPs para a queda da inflação poderia ser ainda maior caso eles fossem a única variável determinante dos reajustes nos contratos das prestadoras de serviços. No entanto, a introdução de outros mecanismos de correção no processo de revisão tarifária faz com que, na prática, os aumentos possam eventualmente descolar dos IGPs.

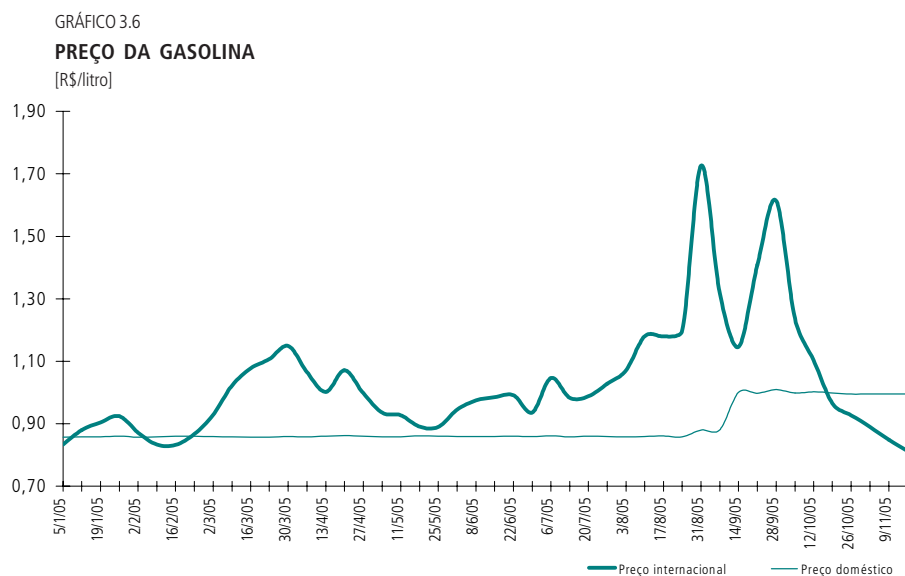
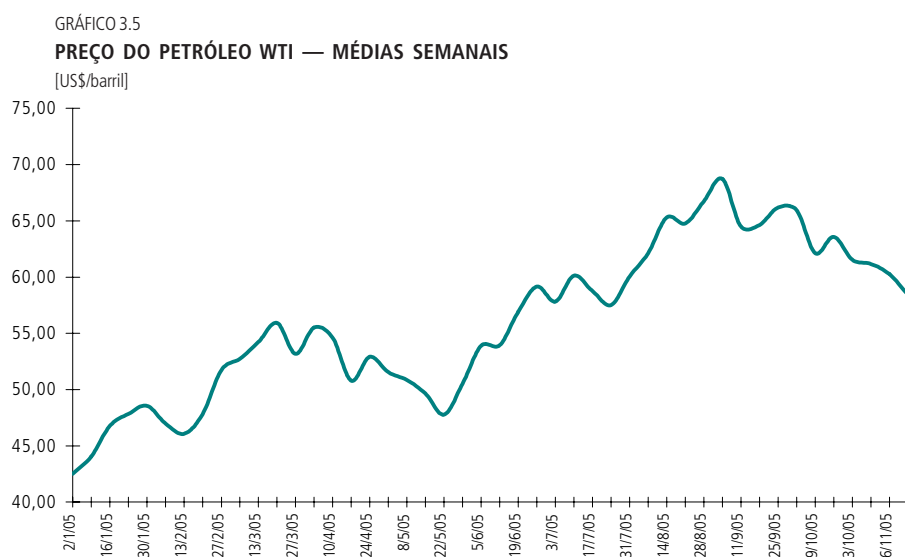
A queda esperada na variação dos preços administrados, a expectativa de uma trajetória sem pressões significativas no câmbio, uma oferta adequada de produtos agrícolas e a

TABELA 3.6  
**ÍNDICE GERAL DE PREÇOS ENCADEADO**  
 [variação mensal (%)]

Mês	Índice	Geral	IPA	IPA-agric.	IPA-industr.	IPC
Julho	IGP-10	-0,37	-0,64	-0,84	-0,57	-0,04
	IGP-M	-0,34	-0,65	-1,19	-0,48	0,12
	IGP-DI	-0,40	-0,69	-1,60	-0,38	0,13
Agosto	IGP-10	-0,52	-0,78	-1,56	-0,52	-0,07
	IGP-M	-0,65	-0,88	-1,59	-0,65	-0,32
	IGP-DI	-0,79	-1,04	-2,47	-0,57	-0,44
Setembro	IGP-10	-0,69	-0,91	-3,02	-0,23	-0,36
	IGP-M	-0,53	-0,76	-3,50	0,12	-0,17
	IGP-DI	-0,13	-0,28	-3,17	0,67	0,09
Outubro	IGP-10	0,48	0,57	-2,08	1,42	0,33
	IGP-M	0,60	0,72	-0,81	1,21	0,42
	IGP-DI	0,63	0,79	0,80	0,78	0,42
Novembro	IGP-10	0,35	0,33	0,88	0,16	0,43

Fonte: FGV. Elaboração: Ipea/GAC.

manutenção dos preços de petróleo em níveis relativamente estáveis configuram um cenário de inflação para o próximo ano condizente com a meta de inflação de 4,5%. De fato, os primeiros dados de expectativa de safra para 2006 mostram crescimento na comparação com 2005, ainda que se ressalte uma possível diminuição da produtividade na agricultura no ano que vem.<sup>1</sup> Outro dado positivo diz respeito ao comportamento do preço do petróleo que, após atingir o pico de US\$ 69 por barril no fim de agosto, vem caindo progressivamente e era já negociado a US\$ 57 na segunda semana de novembro (Gráfico 3.5). A continuidade do preço do barril de petróleo em níveis próximos a US\$ 60 anularia a necessidade de um reajuste nos preços dos combustíveis em 2006, já que após o último aumento, ocorrido em setembro, os diferenciais entre os preços internos e externos da gasolina não só foram eliminados, como a recente apreciação do câmbio tem proporcionado uma inversão no relativo de preços (Gráfico 3.6).



1. Para maiores esclarecimentos ver a seção de Política Agrícola.

